

POESIA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: MANOEL DE BARROS

Lígia Maria Fabretti¹

Considerações iniciais

Este artigo resulta de pesquisa mais ampla que teve por objetivo levantar temas e imagens presentes na produção da poesia infanto-juvenil contemporânea, apontando aspectos que possam traduzir a inserção do gênero, em suas variações e formas, no quadro histórico-estético da cultura brasileira, bem como as múltiplas faces de seu mercado editorial. O *corpus* para o desenvolvimento da pesquisa foi composto de livros de poesias, publicados a partir de 2005, que receberam a láurea de Obra Altamente Recomendada, concedida pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil bem como o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Esta comunicação, recortando resultados alcançados pela pesquisa, apresenta a leitura dos poemas do escritor mato-grossense Manoel de Barros, publicados nos livros *Poeminha em língua de brincar* e na nova coletânea de suas poesias denominada *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros (I, II e III)*, com o intuito de observar como os recursos poéticos (internos) presente nestes livros contribuem para o estabelecimento de relações entre leitores infanto-juvenis e o mundo no qual estão inseridos (externo), a partir da abordagem de aspectos lingüísticos, imagéticos e temáticos dessas obras, sempre fundamentada por teorias acerca do texto poético.

Para composição da análise, iremos nos valer de uma entrevista concedida ao jornalista Bosco Martins, representante da revista *Caros Amigos* e, posteriormente, apresentada no programa *Fora do eixo* em que o poeta se desnuda e, simplistamente, traça um panorama de sua trajetória, abordando alguns temas polêmicos e outros recorrentes em sua obra.

Análise

1. *Memórias Inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM)

O livro *Memórias Inventadas*: as infâncias de Manoel de Barros, publicado em 2007 pela editora Planeta, compõe-se de três livros publicados pelo escritor pantaneiro no decorrer de cinco anos, são eles: *Memórias Inventadas*: a infância (2003), *Memórias Inventadas*: a segunda infância (2005) e *Memórias inventadas*: a terceira infância (2007). Todos ilustrados pela filha do escritor, a pintora e ilustradora Martha Barros.

Esta produção em série pertence a um projeto editorial cujo objetivo principal era a publicação da autobiografia do poeta de acordo com as três fases da vida: a infância, a mocidade e a velhice. No entanto, este projeto seria algo impossível, pois de acordo com o escritor, ele só teria memórias infantis. Assim, a partir da idealização desse produto, surgiu *Memórias Inventadas*. como nos afirma o próprio poeta: “A um editor que me sugeriu que escrevesse um livro de memórias eu respondi que só tinha memória infantil. O editor me sugeriu que fizesse memória infantil, da juventude e outra de velhice.” (BARROS, 2008).

Reunidos em um único volume, a coletânea de 160 páginas, possui ao todo 42 poemas, todos acompanhados com uma ilustração inicial e final. Graficamente, os poemas estão dispostos de acordo com a tabela a seguir:

A INFÂNCIA	A SEGUNDA INFÂNCIA	A TERCEIRA INFÂNCIA
Escova	Estreante	Fontes
Obrar	Lacraia	Invenção
Desobjeto	Pintura	Jubilação
Parrrede!	Oficina	O menino que ganhou um rio
Ver	Bocó	Corumbá revisitada
O lavrador de pedra	Nomes	Peraltagem
Fraseador	Desprezo	Formação
Cabeludinho	Gramática do Povo Guató	Delírios
O apanhador de desperdícios	Sobre importâncias	Circo
Brincadeiras	Aula	Soberania
A rã	Abandono	
Caso de amor	Um olhar	
Latas	Aventura	
Achadouros	Aprendimentos	
Sobre sucatas	Tempo	
	Um doutor	
	Pelada de barranco	

1.1 Manoel por Manoel

No início do livro, após o sumário e a epígrafe, o escritor pantaneiro Manoel de Barros (1916) descreve-se como alguém que sente saudades do passado. Nostálgico,

parece-nos que o autor irá, por meio da linguagem, reviver as peripécias que não realizou enquanto criança, como nos comprova o trecho “Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. / Faço outro tipo de peraltagem” (p.11). O poeta então, se coloca como menino-jovem para poder alcançar a plenitude da comunhão com a natureza e as coisas simples da vida, “porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão” (p.11).

1.2 A infância

Composto por 15 poemas, nesta primeira parte o eu-lírico adulto relembra sua infância e se coloca como criança. Essa transição é percebida pelos verbos no passado como: “Quando eu estudava” (p.29), “Nas férias toda tarde eu via” (p.33), “A gente morava” (p.35) e no seguinte verso do poema Fraseador “Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze” (p.39).

Uma característica marcante encontrada nos poemas, que será retomada posteriormente nos dois livros consecutivos, é a imagem. Sob forte influência de Rimbaud, comumente, o autor inicia sua prosa-poética e poema com uma imagem e começa a discorrer sobre ela. Em outras palavras, o eu-lírico é preenchido por diversas sensações suscitadas por uma lembrança, uma cena do cotidiano ou uma imagem qualquer. Por exemplo, no primeiro poema A Escova o eu-lírico está diante de dois homens escovando osso, e essa visão acarreta nele a vontade de escovar palavras. Ele então começa a passar “horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras” (p.21). E, só depois do estranhamento por parte dos colegas, incompreendidos com essa situação, o eu-lírico metaforicamente joga a escova fora, ou seja, para de escrever.

É importante ressaltar uma imagem demasiadamente recorrente que consiste na volta para o quintal, lugar este não apenas pertencente a uma casa no Pantanal, podemos inferir que o quintal é universal, o quintal é o mundo para o eu-lírico e ao mesmo tempo, um lugar de refúgio. E é nesse lugar mágico que o poeta observa as coisas mais importantes da vida. Assim, em o Apanhador de desperdícios o eu-lírico diz “Meu quintal é maior que o mundo” (p.45), em Brincadeiras “No quintal a gente gostava de brincar com palavras/ mais do que de bicicleta” (p.47) e em Achadouros o poeta finaliza “Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade”.

Por meio da escolha lexical, percebemos que os vocábulos utilizados pelo eu-lírico remetem à natureza, à fauna e flora do Pantanal, e ao mundo imaginário da criança ou jovem. Isso é percebido em palavras como “cacarar” (p.23) que significa o ato de defecar mas pode nos remeter ao substantivo cacará cuja significação é um indivíduo desprezível. Além das palavras, os poemas possuem muitas marcas de oralidade e são repletos de ditos populares como “não servia mais para pentear macaco” (p.27).

Outra característica inerente à de Manoel de Barros e percebida neste livro é o uso dos metapoemas. A brincadeira com as palavras e o ato da criação são temas recorrentes em seus poemas, vejamos: “Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas” (p.41).

Quanto à estrutura, os poemas são em forma ora de prosa-poética ora de versos livres. Essa ruptura com o tradicional pode nos evidenciar a liberdade associada à infância, não podendo ser mensurada em formas clássicas, como o soneto, por exemplo.

Contudo, em outros poemas, o que se evidencia é a desumanização das coisas e a coisificação dos humanos. Isso é melhor representado no poema Desobjeto, em que o eu-poemático conta a história de um menino olhando um pente no quintal em estado terminal. O pente deixa de ser um simples objeto, para transformar-se em humano, tornando-o um desobjeto, ou seja, algo que não é mais um objeto. Essa transformação ocorre, pois agora o pente se integra com a natureza “como um rio, um osso, um lagarto” (p.27). O mesmo processo ocorre com as Latas “Elas ficam muito orgulhosas quando passam do estágio de chutadas nas ruas para o estágio de poesia” (p.57). O poeta mostra assim a mudança de algo industrializado para algo orgânico. E também nesse momento que a poesia do escritor se encontra com o lúdico do imaginário infantil: “Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata” (p.63).

O eu-lírico também adota uma postura minimalista perante a vida, diferente dos valores ideológicos vigentes. Para ele, o importante não está em grandes acontecimentos da vida, mas sim, nos pequenos, partindo assim do local para o universal. Percebemos essa postura através de versos como “Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade”(p.63) ou “Dou respeito às coisas desimportantes/ e aos seres desimportantes/

Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade/ das tartarugas mais que a dos mísseis” (p.45).

Contudo, alguns poemas têm temática juvenil, pois trazem à tona assuntos como sexo, exemplificado na expressão “baú cheio de punhetas”(p.58) ou na comparação do sobe e desce da lesma com um “ato erótico” (p.33).

1.3 A segunda infância

Nessa segunda parte, ocorre a repetição das características já mencionadas no primeiro livro, tanto no que se refere à forma quanto ao conteúdo. Repetem-se portanto: os metapoemas (Oficina, Bocó, Gramática do povo Guató); a comunhão com a natureza, o regionalismo do Pantanal, o relativismo simplista (Um olhar), entre outros.

No entanto, o que sobressai é a temática juvenil, pois o eu-lírico relembra as lembranças da mocidade “Este que vos fala era um rebelde/ adolescente” (P.115). Os assuntos são relacionados à faixa etária da adolescência, como novas descobertas (Lacraia), sexo, rebeldia, angústia e futebol. No poema Estreante isso fica evidente: o eu-lírico de 15 anos começa a namorar uma indiana de 25 e com ela tem sua primeira experiência sexual. A metáfora de comunhão perde seu sentido inicial, da primeira infância (comunhão com a natureza) para tornar símbolo do ato sexual “E a gente comungava o Pão dos Anjos” (p.71).

As palavras semanticamente relacionadas a sexo (foder, desejos, fazer amor, pancas) tornam-se comuns. Como percebemos no seguinte trecho de Nomes “A gente já sabia que esperma era a própria/ ressurreição da carne” (p.85). Já o sentimento de angústia e indecisão pode ser encontrado em Desprezo “Eu não sei/nada sobre as grandes coisas do mundo, mas/ sobre as pequenas eu sei menos” (p.89).

1.4 A terceira infância

Este terceiro livro representa o fim dessa trilogia e parece-nos que carrega em si o tom de despedida. No poema Fontes, o poeta nos revela os três personagens que o ajudaram a compor essas memórias, sendo eles a criança os passarinhos e os andarilhos, pois “A/ criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos/ me deram

desprendimento das coisas da terra. E os/ andarilhos a preciência da natureza de Deus” (p.127), ou seja, amar a natureza.

Invenção talvez nos revele que *Mémoires Inventadas*, mais que uma autobiografia é poesia “Inventei um menino levado da breca para me ser.[...] Porém o menino levado da breca ao fim me falou/ que ele não fora inventado por esse cara poeta/ Porque fui eu que inventei ele”(p.129). E, vai mais além, “Porque a gente não queria informar acontecimentos. Nem contar episódios. Nem fazer histórias. A gente só/ gostasse de fazer de conta [...] A gente não gostasse de fazer nada que não fosse brinquedo” (p.133).

2. Poeminhas em língua de brincar

Este livro difere bastante do anterior. Vencedor da FNLIJ de 2007 como melhor livro de poesia infantil, possui apenas um poema distribuído em 16 páginas.

Ao abrirmos o livro, encontramos uma contracapa convidativa: o tipo de letra é divertido, pois não é uma letra simétrica e está acompanhado de um desenho. A cor que predomina em ambos é o vermelho. Na próxima parte, temos ficha catalográfica de um lado, e de outro o início do poema.

Analisando a disposição do texto nas páginas, percebemos uma média de três linhas, bem visíveis por página, respeitando a harmonia do conjunto. Quando temos apenas duas linhas o texto não-verbal (ilustração) é maior. E quando temos seis linhas na página encontramos uma pequena ilustração. Mesmo com essa pequena variação no número de versos e o tamanho da letra não estar em caixa alta, percebemos que seu tamanho é adequado.

A linguagem, como não poderia ser diferente em poesia, é extremamente simbólica. E joga com a questão da própria linguagem da poesia se contrapondo as impostas regras da gramática. Isso é percebido no seguinte trecho: “Gostava mais de fazer floreios com as palavras do que fazer idéias com elas” (p.5).

Nesse sentido, o texto-não verbal aproxima a criança, porém com qualidade estética. Por exemplo, notamos na página dez, quando o eu-lírico explica o que é Língua de Raiz a figura de uma língua em baixo de uma árvore, como se a própria língua fosse raiz. No entanto, essas imagens são tão sutis que quase passam despercebidas para um leitor desavisado, o que só aumenta sua possibilidade de leitura. Portanto, o caráter subjetivo e abstrato dos desenhos permitem que, o leitor-mirim, dê asas à sua

imaginação e, proporciona também, uma identificação maior com os desenhos, estes mais parecidos com os seus próprios “rabiscos”.

As cores nesse livro são bastante atrativas. Há um predomínio de cores quentes, associadas à sensação de calor, tais como o vermelho, amarelo e o laranja. Contudo, encontramos também suas variações, e as tonalidades verde. Essas cores estão intrinsecamente, ligadas ao poema. Por exemplo, no trecho em que o eu-lírico conta a história de uma rã a cor que predomina é o verde, pois temos construídos em nosso imaginário a associação de rã com a cor verde. Por outro lado, quando o eu-lírico sentença “Se o Nada desaparecer a poesia acaba” encontramos duas figuras na página, uma simbolizando o “Nada”, de cor cinza, e outra, o passarinho que perpassa a poesia como “ave extraviada” na cor branca, representando uma possibilidade de desaparecimento.

Considerações finais

Por meio do levantamento de textos teóricos e da análise destes livros, percebemos uma identificação da poesia de Manoel de Barros com o leitor infanto-juvenil. Em outras palavras, constatamos que a poesia deste escritor, certamente, possui elementos capazes de seduzir essa faixa etária, por meio de escolhas lexicais, rimas, temas, imagens, ou seja, pela própria linguagem verbal e não verbal.

Se por um lado temos *Poeminha em língua de brincar* (2007) como um livro voltado ao público infantil, de outro temos *Mémorias Inventadas* propicio a jovens de todas as idades, pois a temática de ambos (longe do tom pedagógico) fazem parte do universo da criança e do adolescente. Com isso, tornam-se instrumentos riquíssimos para o trabalho em sala de aula.

Portanto, esse artigo apenas tracejou um parecer sobre os dois livros, que poderá ser complementado com demais pesquisas destas obras e da poesia infanto-juvenil brasileira.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BARROS, Manoel de. *Poeminhas em língua de brincar*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BARROS, Manoel de. Disponível em: <http://blogln.ning.com/profiles/blogs/manoel-de-barros-na-caros> Acesso em 09, maio, 2010.